

AS DIFERENÇAS NA TAXA DE FORMAÇÃO DE EMPRESAS NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE SETORIAL E MICRORREGIONAL

LAGEMANN, Marcelo¹; TATTO, Francis Radael²; CANEVER, Mario Duarte³

¹ Acadêmico de Agronomia e Economia - UFPel, Bolsista IC/CNPq

² Acadêmico de Agronomia - FAEM/ UFPel, Bolsista PIBIC/CNPq

³ Prof. PhD. Deptº de Ciências Sociais Agrárias - FAEM/UFPel

Campus Universitário – Caixa Postal 354 – CEP 96010-900. marcelo.lagemann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico é positivamente influenciado pelo capital empresarial de uma região refletida na capacidade empreendedora de seus indivíduos. O empreendedorismo gera crescimento econômico e ampliação da riqueza, portanto, é um elemento chave para o desenvolvimento (Domínguez, 2002). Se não fosse por outro motivo, bastava esta convicção para valer a pena estudar este tema.

No Rio Grande do Sul existe certa divergência quanto aos fatores que fazem as microrregiões diferenciarem-se economicamente. Alguns autores dizem que essa divergência é influenciada por fatores culturais, econômicos e sócio-demográficos, no entanto não consideram o empreendedorismo como uma possível causa da divergência. Portanto, neste estudo tem-se por objetivo identificar se as taxas de formação de empresas no Rio Grande do Sul são homogêneas nas diversas microrregiões e setores econômicos.

O artigo, além desta introdução, apresenta uma breve revisão de literatura, segue com a metodologia, os resultados e termina com a seção de conclusão.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Pesquisas foram elaboradas para examinar por que regiões apresentam diferentes níveis de desenvolvimento e de empreendedorismo (Pennings, 1998). Alguns pesquisadores examinaram que as sociedades diferem nos termos de seu comportamento empreendedor baseado nos valores culturais do seu povo (veja por exemplo Kemelgor, 2002). Baron (2004) destaca que o empreendedorismo e o desenvolvimento são fenômenos complexos e condicionados, além dos fatores culturais, também por fatores políticos, institucionais e individuais. Segundo Canever (2008), os investigadores propõe constantemente novas maneiras de analisar as ligações entre o empreendedorismo e o desenvolvimento, mas os estudos que testam empiricamente os determinantes e as consequências do empreendedorismo ainda são escassas. Em sua pesquisa, encontrou fortes evidências para os municípios do Rio Grande do Sul de que variáveis institucionais, econômicas, e demográficas determinam a taxa de empreendedorismo. Além disso, o estudo mostrou que o nível de empreendedorismo de uma comunidade influencia o desenvolvimento humano da população local, embora não se relacione com o aumento da sua renda per capita.

3. METODOLOGIA

O instrumento de pesquisa compõe-se da análise da taxa de formação de empresas no período de 1996 – 2005 no Rio Grande do Sul. Utilizou-se como base de dados a tabela dos dados gerais das unidades locais por faixas de pessoal ocupado total, segundo seção da classificação de atividades, em nível municipal, micro e mesorregional do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para o Rio Grande do Sul. Foram analisados 496 municípios do estado, os quais foram alocados nas respectivas 35 microrregiões e 7 mesorregiões pré-definidas pelo IBGE. Utilizou-se planilha de *Excel* para organizar os dados e calcular a Taxa de Formação de Empresas (forma de medir o empreendedorismo de um povo). Existem duas formas de medir a taxa de formação de novas empresas: (1) o método ecológico (*Fir*), o qual relaciona a formação de novas empresas ao estoque de empresas e (2) um método alternativo conhecido como taxa de formação relativa à força de trabalho (*Fir**).

A *Fir* é definida por:

$$F_{ir} = \frac{NE_{tir} - NE_{tir-1}}{NE_{tir-1}}$$

onde:

Fir = Formação de empresas no setor *i* na região *r* no tempo *t*;

NE_{tir} = Número de empresas no setor *i* na região *r* no tempo *t*;

NE_{tir-1} = Número de empresas no setor *i* na região *r* no tempo *t-1*

O procedimento relativo ao estoque – *Fir* - é particularmente importante para analisar a intensidade de rejuvenescimento empresarial, sendo que a taxa de formação resultante é expressa em relação a 100 empresas já existentes. A taxa de formação relativa à força de trabalho proposta por Amington e Acs (2002) - utiliza a população (ou força de trabalho) como denominador em relação a 1000 trabalhadores. A taxa de formação relativa à força de trabalho examina qual a proporção da população que está engajada na formação de um novo negócio e é expressa da seguinte forma:

$$F_{ir} = \frac{NE_{tir} - NE_{tir-1}}{P_{tir}}$$

onde:

*Fir** = Formação de empresas em relação ao pessoal ocupado no setor *i* na região *r* no tempo *t*

NE_{tir} = Número de empresas no setor *i* na região *r* no tempo *t*;

NE_{tir-1} = Número de empresas no setor *i* na região *r* no tempo *t-1*

P_{tir} = Força de trabalho no setor *i* na região *r* no tempo *t*;

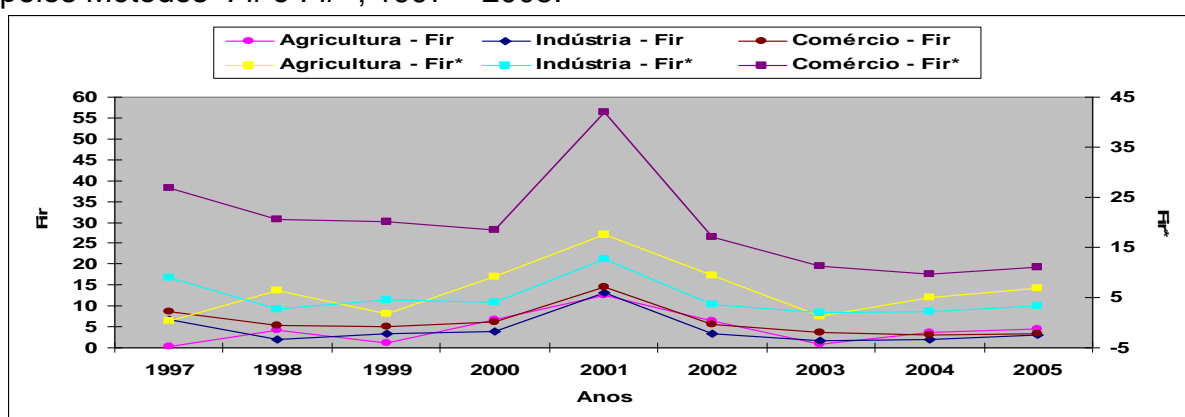
Com base nos 17 subsetores da economia brasileira, os dados obtidos no IBGE para o período de 1996 - 2005 foram agrupados em três grandes setores¹: Agricultura, Indústria, Comércio/Serviços. Tal procedimento foi necessário para diminuir possíveis erros da amostra e para facilitar a análise.

¹Os três setores foram classificados segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas em que a Agricultura compreende a Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal; a Indústria compreende as indústrias extrativas, indústrias de transformação e construção; o Comércio e Serviços compreende ao comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, alojamento, alimentação, transporte, armazenagem, comunicações, intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados, atividades imobiliárias alugueis e serviços prestados às empresas, administração pública, defesa e seguridade social, educação, saúde e serviços sociais, outros serviços coletivos, sociais e pessoais e serviços domésticos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O gráfico 1 apresenta a taxa de formação de empresas por setores, tanto pelo método *Fir* quanto pelo *Fir**. Observa-se que as taxas de formação para a Indústria e para o Comércio são decrescentes para o período, se desconsiderarmos o pico em 2001. O comportamento da taxa de formação de novas empresas no setor agrícola é peculiar, pois é muito mais instável que os demais. Em geral, para todos os setores, a menor taxa de formação ocorreu em 2003. As duas taxas possuem um padrão uniforme, obedecendo a ordem Comércio > Agricultura > Indústria. Ou seja, as taxas de formação de empresas não são homogêneas. Diante disso, cabe decompor os setores da economia e identificar a origem das diferenças entre determinadas regiões.

Gráfico 1. Taxa de Formação Setorial (Agricultura, Indústria, Comércio e Serviços) pelos Métodos *Fir* e *Fir**; 1997 – 2005.

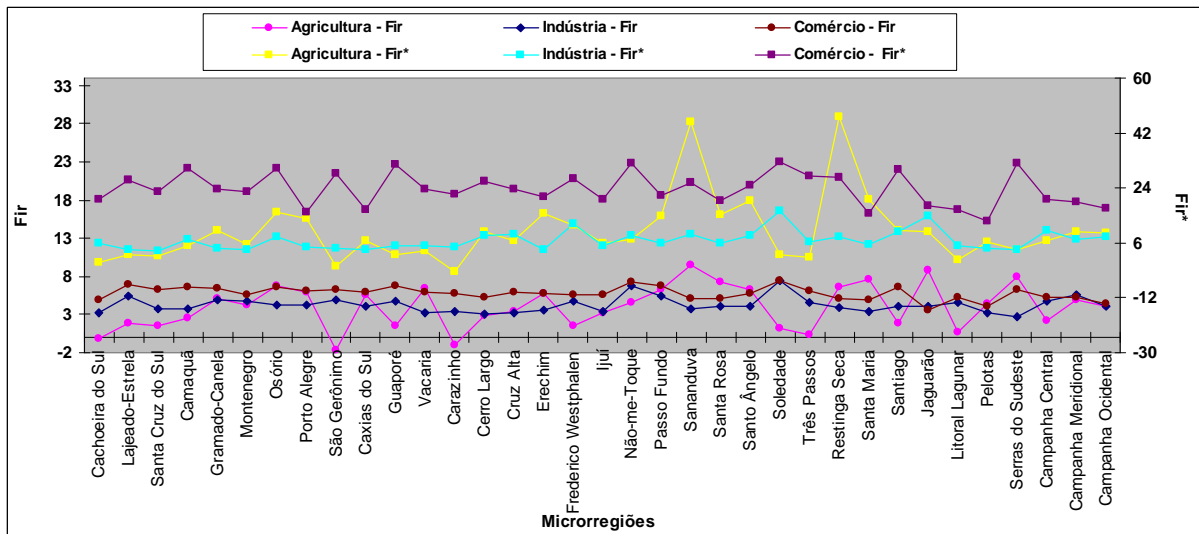


Fonte: elaborado pelos autores

O gráfico 2 apresenta as taxas de crescimento dos três setores por microrregiões. Como pode ser observado, a taxa de crescimento é mais estável no Comércio, seguido pela Indústria e total instabilidade na Agricultura. Obviamente, que as taxas de formação sofrem influências diretas e indiretas do cenário macroeconômico, porém a Agricultura além destes, sofre a influência climática, que influencia na criação e fechamento de empresas.

Algumas microrregiões apresentam altas taxas enquanto outras baixas. A microrregião de Sananduva é de melhor desempenho pelos dois métodos nos três setores. Além de Sananduva, as microrregiões de destaque foram Soledade e Não-me-Toque. Já São Gerônimo e Carazinho apresentaram desempenho relativamente baixo principalmente puxados pelo setor agrícola. Pelotas, de outro lado, é a microrregião de menor rejuvenescimento da base empresarial no setor de Comércio, embora sua taxa de empreendedores por 1000 pessoas ocupadas no setor é relativamente alta.

Gráfico 2. Taxa de Formação de Empresas por Setor e Microrregião no RS; 1997-2005.



Fonte: elaborado pelos autores

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças na taxa de formação de empresas evidenciam o papel do empreendedorismo entre as microrregiões do Rio Grande do Sul. Através dos resultados deste estudo concluímos que tanto os setores quanto as microrregiões rejuvenescem sua base empresarial em taxas diferenciadas. De outro lado, os setores também apresentam diferentes ritmos de criação de novas empresas dentro de cada microrregião. Portanto, em suma, pode-se dizer que as taxas de formação de empresas não são homogêneas.

A origem das diferenças econômicas entre as regiões é condicionada por fatores complexos. Entre eles, neste estudo, nós propomos o capital empresarial representado pela formação de novas empresas. A análise gráfica da taxa de formação setorial em relação às microrregiões reflete estas diferenças, pois observa-se diferenças entre as microrregiões. Diante de uma análise setorial as microrregiões possuem relações diretas e/ou inversas para a taxa de formação, sugerindo que para um próximo estudo deve-se avaliar se as divergências entre as microrregiões são ocasionadas por vantagens comparativas (localização, recursos naturais, etc.) e/ou competitivas (capital humano, instituições, etc.).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMINGTON, C; ACS, Z.J. **The Determinates of Regional Variation in New Firm Formation**, *Regional Studies* 36, p. 33-45, 2002
- BARON, R. **The cognitive perspective: a valuable tool for answering entrepreneurship's basic "why" questions**. *Journal of Business Venturing*. v. 19, p. 221-239. 2004.
- BRASIL- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **Secção de Classificação de Atividade (1996-2005)**. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br>> Acesso: 20 de fevereiro de 2009.
- CANEVER, M; KOHLS, V. K.; MORGAN, Y.T.M.; CARRARO, A. **Entrepreneurship in the Rio Grande do Sul, Brazil: the determinants and consequences for the municipal development**. XXXVI Encontro Nacional de Economia – Anpec, p.1-2, 2008.

- DOMÍNGUEZ, F. J. **El Emprendedor. Una Propuesta de Modelo Explicativo de Comportamiento**, XII Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica, Covilhã, Abril , 1-7, 2002.
- KEMELGOR, B.H. **A comparative analysis of corporate entrepreneurial orientation between selected firms in the Netherlands and the USA**, Entrepreneurship & Regional Developmen. v. 14, p.67-87. 2002.
- MUELLER, S.L.; THOMAS, A.S. **Culture and entrepreneurial potential: a nine country study of locus of control and innovativeness**. Journal of Business Venturing, Vol. 16, p. 51-75, 2000.
- PENNINGS, L.; LEE, L.; VAN WITTELOOSTUIJN, A. **Human capital, social capital, and firm dissolution**. Academy of Management Journal. p. 425–440. 1998.